



GUTO BASSI

H

ARAM
MONTES MARLIC

LIVRO 1

schöba.

Guto Bassi

Haram - Livro I: Montes Marlic

Copyright © Guto Bassi

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão do autor. Todo o conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do autor.

EDITORA SCHOBA

E-mail: atendimento@editoraschoba.com.br

www.editoraschoba.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bassi, Guto

Haram : montes Marlic / Guto Bassi. -- Salto : Schoba Editora,
2020.

356 p.

ISBN 978-85-8013-531-2

1. Literatura brasileira I. Título.

CDU 82(81)

CDD B869

17-0417

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

“E do norte nada se ouvirá
Por mais gerações do que alguém lembrar de contar.
E então o fogo ressurgirá
E suas labaredas destruirão
Tudo em que tocar.
E se nada for feito,
Será o fim dos tempos
Como hoje os conhecemos.”

Trecho da Profecia Maldita, extraída do livro do Misha'han.

Sumário

| | |
|-----------------------------|-----|
| Prólogo..... | 7 |
| Capítulo 1 – Marhana..... | 11 |
| Capítulo 2 – Shelric | 112 |
| Capítulo 3 – Wor’hama..... | 157 |
| Capítulo 4 – Kisha | 206 |
| Capítulo 5 – War’harm | 239 |

Prólogo

O CHEIRO DA RESINA DOS PINHEIROS PENETRAVA EM TUDO. Exalava do chão umedecido pela bruma matinal como se fosse parte constante da paisagem. Era quase palpável, entrando pelas dobras da capa do capitão Haram como se tivesse vontade própria. Perfurava mesmo a grossa couraça sob o manto e grudava na sua pele como se ele suasse perfumado. As solas das grossas botas de couro dos soldados produziam um som úmido conforme os arqueiros se deslocavam entre os pinheiros, procurando distinguir em meio à bruma um caminho por onde pudessem evitar as poças d'água, mantendo os pés secos. Eram todos veteranos e Haram podia perceber isto só pelo jeito como desviavam as poças. Pés úmidos, feridas, bolhas são o tormento dos soldados e ele sabia disso há mais tempo do que podia se lembrar. Tempo demais.

Estacou de súbito. Não havia percebido nada objetivo. Apenas aquela sensação de frio no estômago, acompanhada de um arrepio na nuca, sensação esta que ele sabia ser de perigo. Sentiu que algo os espreitava. Apurou o ouvido. Nada. Inspirou profundamente.

Só o cheiro dos pinheiros e quase nada mais. Quase... Olhou por cima do ombro. Mahlac, que não gostava de ser chamado de tenente olhava-o com o cenho franzido e o olhar atento. Reconhecia a expressão no rosto de Haram e sabia que havia perigo por perto. Também apurou os ouvidos mas igualmente não percebeu nada. Instintivamente levantou o braço direito com os cinco dedos abertos, no sinal de “alto” que todos reconheceriam. Instantaneamente os sons dos passos cessaram e floresta voltou ao seu mutismo característico. “Homens bem treinados” pensou Haram, voltando os olhos semicerrados para as brumas na tentativa de perscrutar algo. “Devo estar ficando muito velho para ter medo de fantasmas”, concluiu. Ergueu sua mão direita e fez o sinal de “em frente”. Imediatamente a coluna de arqueiros pôs-se em marcha. Haram entretanto não se moveu.

— Tudo bem, capitão?

— Não sei Mahlac... alguma coisa não vai bem.

— Se o senhor diz...

Mahlac havia aprendido há muito tempo que seu capitão percebia perigo como se este tivesse um cheiro próprio. Redobrou a atenção. Haram voltou-se mais uma vez e estava para ordenar que um batedor avançasse sozinho quando seu sangue gelou com um ruído familiar: galhos quebrando. Agiu instintivamente. Seu único pensamento racional foi “logo aqui!”, quando a horda de homens de longos cabelos e vestindo peles surgiu do meio da bruma. Um ataque no meio dos pinheiros! Não poderia haver pior situação para os arqueiros, já que as árvores impediam a visão e uma linha de tiro reta.

— Espadas! — gritou enquanto sacava a sua.

O retinir das armas sendo desembainhadas foi sobrepujado pelo som dos primeiros atacantes a chegarem gritando até a coluna de arqueiros. Como todos os homens daquela maldita floresta, atacavam feroz e desordenadamente. Nada difícil de ser enfrentado por soldados experientes como os que Haram comandava, que não mais se assustavam com os gritos intimidantes dos oponentes e mantinham pé firme, brandindo as espadas com as duas mãos. Haram gritou, descreveu um semicírculo com sua arma, acertando no final do movimento a cabeça do primeiro agressor logo acima da orelha esquerda. O sangue espirrou longe e o homem caiu para o seu lado esquerdo. Abaixou-se para fugir do golpe que o segundo atacante desfecharia, empurrou-o com o ombro e deixou-o entrar em combate com Mahlac que, ele sabia sem precisar olhar, estava um passo atrás. Projetou-se para a frente, derrubou o próximo inimigo e erguendo a espada acima da cabeça bradou:

— Diahá!¹

Surpreendidos pela reação calma e ordenada dos arqueiros e do seu comandante os atacantes deram meia-volta e correram para a floresta a toda pressa, alguns deixando cair pelo caminho os temidos machados de lâmina curva que, arremessados com destreza, poderiam rachar um crânio a cerca de vinte e cinco passos de distância. Nenhum arqueiro fez

1. Sangue, em *marlic*.

menção de segui-los: eram experientes e sabiam que perseguir um homem da floresta no seu ambiente era morte certa. Ao contrário, trataram de fazer um círculo defensivo. Sabiam que os atacantes voltariam em breve, assim que a surpresa inicial tivesse passado. Haram também sabia e queria reforçar sua frágil posição o mais rapidamente possível. Caminhava apressado entre os homens, verificando as condições de cada um.

— Capitão, aqui!

A voz de Mahlac vinha de uma ravina, detrás de um grande tronco caído que ele teve que saltar para chegar até onde seu segundo em comando estava. Mahlac estava agachado no chão, ao lado de um jovem arqueiro que jazia imóvel. Uma mão gelada pareceu apertar o peito de Haram quando reconheceu o ferido. Largou sua espada e agachou-se também.

— Shardric... — sussurrou.

As pálpebras do jovem tremeram e se descerraram. Sua voz não foi mais do que um sussurro quando fitou os rostos que se debruçavam sobre ele.

— Brohmar...

Haram estremeceu ao ouvir o outrora tão familiar som da sua língua natal. Sem hesitar respondeu.

— D'har...²

Shardic sorriu e falou.

— Então era mesmo você, brohmar...

— D'har, brohmar. Você sempre soube. Não fale agora. Shirit!³

— N'har⁴, brohmar. Shardic shirit n'hama⁵.

Sabia que Shardic estava morrendo. Tinha um ferimento profundo no lado direito do peito e quando respirava bolhas de ar e sangue saíam pela abertura. Um ferimento fatal. Nada havia para ser feito. Concordou.

— D'har, Shardic. N'hama.

2. Sim, em *marlic*.

3. Descanse, em *marlic*.

4. Não, em *marlic*.

5. Expressão *marlic* para “em casa”.

Num último esforço Shardic levantou sua mão esquerda e tocou o rosto de Haram onde, pela primeira vez, o estupefato Mahlac via lágrimas. Algumas palavras ainda escaparam dos seus lábios pálidos.

— Lard⁶brohmar Haram...

— Brohmar Shardic... — respondeu Haram.

A mão de Shardic caiu inerte ao lado do corpo. Com um ligeiro estremecimento exalou seu último suspiro. Surpreso Mahlac viu Haram levar a mão do jovem morto aos lábios, beijá-la e a seguir encostá-la em seu rosto. Permaneceu imóvel por um longo tempo e depois levantou-se. Sem saber bem como agir Mahlac pigarreou. Haram o encarou.

— Entende marlic⁷ Mahlac?

— Marlic? A língua dos homens das montanhas? Algumas palavras. O que significa aquela palavra que repetiram tanto?

— Brohmar?

— É, brahmar.

— Não, não brahmar, Mahlac. A pronúncia correta é brohmar. E significa irmão.

6. Amada ou amado, em *marlic*.

7. *Marlic*: povo das montanhas. Também tem este nome a língua por eles falada.